



Jornal Académico

O Natal vai à escola / com roupas de fantasia;/
num bolso leva os sonhos / e no outro a poesia.(...)
José Jorge Letria



NESTA EDIÇÃO:

Arte? Lixo? Ou os dois? - Evlution Bordalo II

Páginas 5 e 6

Voluntariado Europa

Página 13

Projeto “Troca pelo Futuro”

Página 16

Oficina da Escrita

Página 19

Centenário de José Saramago

É segunda-feira. Estamos no CCB para assistir à entrega do Prémio Literário José Saramago.

Entramos no auditório e as luzes, as cadeiras e o cheiro a imaginação enchem-nos os pulmões e o coração.

Páginas 14 e 15



O Prémio Literário foi atribuído ao texto “Mudanças e Andanças” escrito por Laura Damas, 9º C.

Entre os que partiram para outras paragens da vida e os que ficaram porque ainda não é o tempo, estamos prontos a terminar mais um ano (civil, pois claro! Que mania de confundir um com o outro, o letivo!) e se há coisa que sabemos de antemão é que não queríamos chegar aqui assim – sem paz nas linhas do horizonte longínquo, seja ele onde for; com o contínuo desrespeito pelos Direitos Humanos revelado na hipocrisia dos que teimam assobiar para o lado (a fingir que já não dão para esse peditório – como se alguma vez o tivessem feito) quando os interesses de uns (os poderosos) se sobrepõem aos dos outros, os pobres (que só o são porque querem – blá.... blá...blá.... - não utilizam bem as ajudas que lhes damos, nós os generosos dos países ricos), os pobres que não têm voz, ou que se a têm apenas preenchem os noticiários dos media para que acreditemos que estamos todos atentos e vamos resolver.

Então vamos lá! O que fazemos? Continuamos a lamuriar-nos? Não, não de todo! E aqui continuamos, estamos “de pedra e cal” até que “a voz nos doa” e, desta vez, viajamos na imaginação do “Bordallo II” e na realidade da Assembleia da República, entre outras mais comezinhas e caseiras. E, assim, festejamos o outono e o S. Martinho e, principalmente, comemoramos o nosso grande escritor José Saramago, nos 100 anos do seu nascimento. E, por ele, fomos protagonistas da entrega do prémio em seu nome, prémio a histórias contadas pelos grandes que as sabem contar (obrigada José Saramago, José Luís Peixoto, Gonçalo M. Tavares, João Tordo e muitos outros para quem não temos mais linhas), mas não esquecemos, aqui e agora, os nossos pequenos que também contam. Tudo “partes de nós”!

E, entre os que partiram e os que ficaram, nestas páginas, festejamos o Natal em palavras cantadas e desenhadas que nos fazem sonhar com outros tempos que já lá vão, mas que estão indelévels nas memórias felizes que guardamos deles.

Votos de Boas Festas!

As coordenadoras



Nesta Edição

Momento Reais	3 a 11 e 18
Momentos Reais de Cidadania	12, 13 e 16
Centenário de José Saramago	14 e 15
Os Nossos Artistas	17
Oficina da Escrita	19
Contadores de Estórias	20 a 22
Cada Cabeça Sua Sentença	23 a 26
Natal	27 e 28

- FICHA TÉCNICA -

COORDENAÇÃO: Ana Veríssimo, M^a dos Anjos Queimada, M^a Lucília Cid e Sarah Serra

COLABORAÇÃO: Augusta Crespo e Adriana Fernandes

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS RAINHA DONA LEONOR

Rua Maria Amália Vaz Carvalho, 1749- 069 Lisboa

<http://www.aerdl.eu>

NATAL

É uma alegria sem igual,
a chegada do Natal.
Os sinos tocam na igreja
com tudo o que se deseja.

As gentes de todo o Mundo,
esperam ansiosas por este dia.
Todos nós desejamos
que a guerra termine um dia.

Juntos numa só voz,
as armas queremos baixar.
Unidos vamos cantar
para a paz poder voltar.

Ana Rodrigues

A Direção deseja a toda a Comunidade
Educativa e suas famílias um Feliz Natal
e um Ano de 2023 repleto de saúde e
harmonia



#cenastipobué

Sáúdo o meu caríssimo Leitor, desejando um Santo e Feliz Natal, a cada um e respetivas famílias!

Começo já por esta felicitação, uma vez que só me apetece dizer que estou farta, e corro o risco de me esquecer de o fazer.

Meu querido Leitor, estou farta, sincera, copiosa e generosamente FARTA!

E farta de quê, pergunta o Leitor, e a resposta é farta de ter de lidar com atitudes do tipo “Eu é que sei!”, e que são acompanhadas, conseqüentemente, da atitude “Tu não sabes!”, ou pior “Você não sabe!”! E ainda por cima, você, é estrebaria!

Como o meu Leitor já sabe, uma atitude “Eu é que sei!”, é pouco inclusiva, ou diria mesmo, nada inclusiva, uma vez que a afirmação acarreta que o detentor de todo o conhecimento é quem a profere, logo nem é necessária a afirmação “Tu não sabes!”, é uma afirmação exclusiva e algo destrutiva, que poderá fomentar a resiliência dos demais, ou então, levá-los-á à exasperação.

Suponho que estas afirmações terão nomes específicos nas disciplinas de Português ou de Filosofia, mas eu acho que deveriam ser apelidadas de sentenças, ou então de leis, tal a carga simbólica e emocional que têm.

Da parte de quem profere tais enormidades, revela um total desconhecimento do estado da arte, uma vez que a probabili-

dade de estas atitudes serem de pessoas, que na realidade são sábias, é muitíssimo pequena. Correndo o risco de escrever um lugar comum, as pessoas sábias, são-no porque sabem que não sabem, e portanto consideram todas as situações como sendo propícias à aprendizagem, sendo então pouco provável afirmarem de modo explícito ou implícito, tal sentença.

Neste momento já o meu Leitor estará farto desta enumeração, mas permita-me alguma insistência, pois é assunto de vital sobrevivência.

Passarei então, a propôr um conjunto de atitudes contrárias a “Eu é que sei!” e a “Isto é tudo meu!”, que é outra atitude que contribui para a fartura de que sofro!

Proponho que cultivemos um minuto diário para rir de nós próprios, dez minutos diários para aprender algo de que gostamos, 1440 minutos diários para falar bem das pessoas que não nos caem bem, e 15 minutos diários para rir com a família, amigos e colegas de trabalho.

E, estimado Leitor, é com alegria que anuncio que a fartura me passou! Irra, que custou!!!!

Despeço-me com amizade desirritada

MFM

Baile de Gala



Mais uma vez, Eugénio dos Santos encerra com charme e reabre com espírito de equipa ...

No ano letivo de 2021/22, os alunos do 9.ºano, da E.B.2,3 Eugénio dos Santos, despediram-se com uma festa de gala de uma Escola que frequentaram, na sua maioria, desde o 5º ano. Uma festa merecida com sabor especial, se pensarmos que foi um ciclo marcado pelos constrangimentos de estados de emergência e planos de contingência, associados a tempos de pandemia.

O momento foi de festa e daí repetirmos mais uma vez a frase abaixo pois é de facto o que acontece:

“Vestidos a rigor, compareceram à hora marcada com sorrisos no rosto e um misto de sentimentos, onde alunos e professores partilharam memórias de uma Escola que vai muito para além de conteúdos lecionados em sala de aula. Quem lá este-



ve, e foram muitos, sabe que foi uma festa bonita com momentos que ficam para a vida.

Uma etapa tinha chegado ao fim, aqueles alunos partiriam para outros voos levando na bagagem o que lhes foi proporcionado naquela Escola.”

Tínhamos terminado em grande e queríamos começar ainda melhor, e foi com esse intuito que organizámos, para todos os alunos do 7.º ano do corrente ano letivo, uma visita ao mycamp, no Cartaxo, no dia 11 de outubro, com um grande objetivo:

Integrá-los, desenvolvendo o espírito de grupo e a responsabilidade face aos desafios, para além de se trabalhar competências pessoais, como a autonomia e a persistência.

As imagens comprovam que os objetivos foram duplamente cumpridos.

Professores e alunos da escola Eugénio dos Santos

Concretização de um sonho



No ano letivo 2019/2020, a turma do 7.º C, da Escola Eugénio dos Santos, participou no projeto “O mar começa aqui” inserido no âmbito da Capital Verde Europeia 2020. Um concurso que visava sensibilizar para a importância da correta utilização da rede de drenagem de águas pluviais, ou seja, para o cuidado a ter

no que vai parar à Sarjeta/Sumidouro, pois o mar começa ali...

O caminho foi longo, pelos constrangimentos dos tempos que se viveram, associados à pandemia por sars cov 2, que quase nos levou a pensar que o sonho não se concretizaria. Mas, no final do ano letivo de 2021/2022, já com os alunos no 9º ano, finalmente, graças à resiliência de muitos e com a ajuda da Junta de Freguesia de Alvalade, a turma veio para a rua e pintou o projeto vencedor num sumidouro sito na rua Luís Augusto Palmeirim. O seu autor, o aluno Joaquim Bonifácio Queiroz, ingressou no ensino secundário noutra agrupamento de escolas, mas deixou-nos a sua marca, com a ajuda de uma turma fantástica.

As maiores felicidades para todos

A vossa ex-Diretora de Turma

Conceição Ganhão

Visita à exposição “EVILUTION” de Bordalo II

No dia 17 de novembro de 2022, a turma 10.º 9.ª visitou a exposição “EVILUTION”, do artista Bordalo II, no Edu Hub Lisbon, com o objetivo de descobrir mais sobre o artista e a sua obra. Bordalo II tem deixado a sua marca por Lisboa, pelo país e pelo mundo e esta exposição não foi diferente.

O artista levou-nos numa viagem pelos diferentes materiais usados (como plástico, madeira, pedra e misturas entre eles) na construção de diferentes animais, fazendo-nos refletir sobre a exploração dos recursos do planeta e os seus efeitos na vida animal.

Noutra sala, surgem animais construídos, por exemplo, com beatas (demonstrando os efeitos do tabagismo não só na saúde individual e coletiva dos seres humanos mas também na vida dos animais objeto de experiências laboratoriais), máscaras cirúrgicas (demonstrando os efeitos que a pandemia teve no planeta quer aumentando a poluição, quer dificultando a comunicação entre as pessoas) e o maior elemento da exposição: um panda feito de pneus (representando os pneus deixados no fundo dos oceanos ou em aterros).

Todas estas obras eram mais facilmente observáveis pela câmara do telemóvel, o que, na minha opinião, representa a nossa dependência do telemóvel e a facilidade de espalhar a mensagem do artista pelas redes sociais.

A exposição incorpora um vídeo em que algumas das obras de neon, de Bordalo II, são transportadas e colocadas clandestinamente, durante a noite, pela cidade de Lisboa.

Noutro espaço, podemos visitar uma espécie de museu sobre a vida humana, uma vida de exploração dos recursos da Terra e que acaba com os humanos presos numa jaula de animais e onde os visitantes do lado de fora da jaula nos conseguem ver



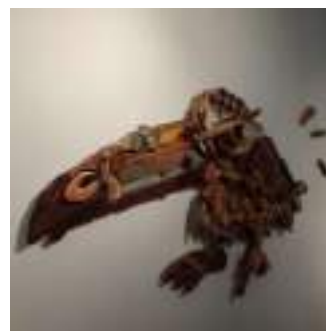
Imagem: <https://www.instagram.com/>

(estamos lá sentados a ver um vídeo) e são avisados para não tocarem nos vidros pois somos ferozes.

Eu gostei bastante destas exposições, não apenas por serem visualmente atrativas e interessantes dado o nível de criatividade dos artistas mas, também, por nos obrigarem a pensar nas nossas ações e as suas consequências no futuro do nosso planeta e da Humanidade.

Estas exposições estão patentes até ao dia 11 de Dezembro, de quarta a domingo, com entrada gratuita para que todos possam maravilhar-se com as obras, descobrirem a sua mensagem, refletirem sobre ela e alterarem os seus comportamentos.

Carolina Pontinha



Arte? Lixo? Ou os dois?



No dia 24 de novembro, os alunos e professores das turmas C e E do 8º ano da escola Eugénio dos Santos fizeram uma visita de estudo à Exposição Evilution _Bordalo II.

Como as visitas de estudo são sempre bem vindas, foram todos com boa disposição.

Entre muitos animais feitos a partir de lixo, a exposição está dividida em quatro partes.

A primeira, à entrada, mostra leões, aves, gorilas, ursos, e outros animais, todos feitos de todo o tipo de lixo: metal, madeira, pedra, mas principalmente de plástico.

A segunda parte destaca-se pelos animais cujo aspeto só se consegue perceber utilizando a câmara de um telemóvel, uma vez que está patente a técnica do pixel. Outro aspeto interessante é que cada um destes animais é feito com um tipo de “lixo” em específico, como máscaras recolhidas durante a pandemia, latas de graffiti, cigarros e beatas, pneus e garrafas de água.

Um vídeo referente a alguns animais luminosos, espalhados pela cidade durante a noite, faz parte da terceira parte desta exposição.

A seguir, na quarta parte da exposição, temos expostos os animais luminosos, protagonistas do vídeo falado anteriormente, luzes por baixo de plásticos com várias cores dão aos animais um efeito neon.

Uma quinta parte, exposição de artista convidado, aguarda os mais atentos no exterior; esta parte tem uma réplica de uma sala de estar em que existem muitos fósseis, quadros e outros artefactos antigos de coleção, só que com uma pequena diferença dos originais: os fósseis contêm garrafas de plástico, os quadros retratam um mundo confuso e com muito lixo, as pedras de âmbar têm pedaços de plástico no interior,



e do outro lado, numa espécie de celeiro, podemos sentar-nos em fardos de palha e contemplar um outro vídeo sobre as maravilhas do planeta Terra.

Como o bilhete é de graça e a exposição vale a pena ser vista, é recomendável que lhe façam uma visita com os vossos familiares e amigos.

Ricardo Santos Alves



Fomos à Assembleia da República



No dia 10 de novembro, os alunos da turma 10.ª 8.ª, acompanhados pelas professoras Ana Oliveira e Eduarda Pina, visitaram a Assembleia da República.

Após passarmos o detetor de metais, fomos calorosamente recebidos pelo guia Miguel Sousa Lara que nos conduziu através do “corredor da História” (onde nos falou das principais datas da história parlamentar) até ao antigo Refeitório dos Monges onde, rodeados de belos azulejos, representando a vida de São Bento e cenas da vida quotidiana, ouvimos falar das diversas funções que o edifício foi tendo ao longo dos séculos e respetivas obras. Foi convento beneditino, Palácio das Cortes, Assembleia Nacional e, atualmente, Assembleia da República e sofreu muitas transformações.

No átrio (antiga igreja do Convento) podemos observar os bustos de Luís de Camões e de alguns parlamentares ilustres da Monarquia e da 1.ª República e do Presidente da Assembleia Constituinte de 1975-1976, assim como uma estátua do rei D. Carlos, o que demonstra o respeito dos democratas pela História do país.

Subindo a bela escadaria nobre, tivemos acesso à Sala dos Passos Perdidos, adjacente à Sala das Sessões, onde se cruzam políticos e jornalistas e onde deparámos com uma exposição sobre a Constituição de 1822. No teto da Sala podemos observar várias figuras alegóricas representando, por exemplo, a Lei, a Justiça, a Sapiência e a Pátria e nas paredes, de mármore branco e rosa, várias telas representando figuras da História portuguesa, desde o século XIII ao século XIX, ligadas à política, à oratória e à administração pública.

O Salão Nobre foi construído de acordo com a estética e a ideologia do Estado Novo, visível nas pinturas que preenchem as paredes. Foi da varanda deste Salão que Anselmo Braamcamp Freire, Presidente da Assembleia Nacional Constituinte de 1911, anunciou ao povo de Lisboa que o Parlamento tinha acabado de proclamar a República, com a aprovação por aclamação do decreto de abolição da Monarquia. Hoje em dia o Salão Nobre é utilizado para receções oficiais e

outros atos, tais como conferências nacionais e internacionais, entrega de prémios e outras cerimónias.

Na Sala do Senado, ficámos a saber pormenores sobre a sua decoração e aprendemos que aqui decorreram as reuniões da primeira câmara (Câmara dos Pares; Câmara dos Senadores; Senado) na altura em que vivíamos sob um sistema bicameralista, a Câmara Corporativa, durante o Estado Novo e, agora, em democracia, que a Sala é utilizada para reuniões das Comissões, reuniões internacionais, sessões solenes, colóquios, concertos.

Finalmente, fomos conduzidos à galeria da Sala das Sessões onde, após alguns avisos sobre o comportamento a adotar, assistimos, brevemente, à reunião da Comissão de Orçamento e Finanças.

No fim da visita cada aluno foi brindado com um pequeno livro sobre a Assembleia da República atualizado com informação sobre a composição da atual Assembleia da República e um postal com uma representação da República.

Foi uma visita de estudo muito esclarecedora e só tivemos pena de não ser dia de reunião plenária. Fica para a próxima.

Maria Leonor Sá da Costa



Carrinhos solares na FCUL

No dia 21 de novembro, a turma do 11º ano, no âmbito das disciplinas de AI e FQ, deslocou-se à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e com o apoio do Professor da Faculdade, Ivo Costa, construiu vários carrinhos solares.

Neste workshop estudaram-se as várias aplicações da energia solar, nomeadamente da energia fotovoltaica na mobilidade mais sustentável.

“Achei bastante interessante criar um circuito elétrico e juntá-lo a um veículo feito de cartão e depois testar a velocidade, comparativamente aos outros. Foi uma forma de ganhar conhecimento através da diversão.”

Diogo Lages

Gostei muito porque todos nos unimos para construir um carrinho. Das atividades mais divertidas que tive.

Edilson Perugachi

O professor da faculdade que estava conosco sabia explicar bem e ajudava nas ideias e na construção dos carros. Superou as expectativas que tinha. Gostei de ter ido.

João Piedade



O professor Ivo Costa da FCUL a dar indicações.



Cada grupo constrói o seu carrinho solar

Babel, vimos o filme

O filme Babel, de Alejandro González, foi visionado nas aulas de AI do 11º ano.

O título, Babel, refere-se à história bíblica da Torre de Babel. Esta história fala sobre como cada povo do mundo está ligado e vem do mesmo sítio.

O filme envolve quatro países - EUA, México, Japão e Marrocos – e mostra como as pessoas das várias regiões do planeta estão interligadas.

O planeta é aqui apresentado como uma aldeia global, pois a notícia do incidente em Marrocos - uma americana baleada no interior de uma camioneta que transportava turistas estadunidenses - é ouvida por todo o mundo. O desenvolvimento da tecnologia da informação, tais como a televisão, as notícias e as redes sociais aceleram este processo de globalização.



De acordo com a teoria do efeito borboleta, cada ação pode ter um conjunto de reações em cadeia de proporções catastróficas. No filme, a ação do pai japonês de oferecer a espingarda de caça ao guia marroquino, causou uma reação em cadeia que levou ao agudizar dos conflitos.

No final do filme, o pai e filha, japoneses, abraçam-se, a filha tinha revivido uma experiência traumática ao contar o sucedido ao polícia e o pai tinha lembrado o suicídio da mulher. Em silêncio, sem questionar ou compreender o sofrimento um do outro, abraçam-se, aceitando a sua miséria e tentando confortarem-se um ao outro, através de um abraço que representa o amor mútuo, incondicional, platónico, presente mesmo nas piores situações.

Gabriel Martins

Grupo de Teatro do nosso Agrupamento

VOLTAR ao PALCO!!!

É com enorme satisfação que neste ano letivo voltamos a conseguir formar o grupo de teatro. Temos um grupo de 28 alunos e alunas, a maioria da escola Eugénio dos Santos, super entusiasmados em desafiarem-se a mostrarem as suas emoções e descobrir novos caminhos dentro de si. Nesta fase de preparação, já fizemos muitos jogos e dinâmicas de movimento, voz e expressão. Temos já um grande desafio pela frente, que é o dar forma ao texto “duas pessoas & uma ilha sozinha” do autor Ondjaki.

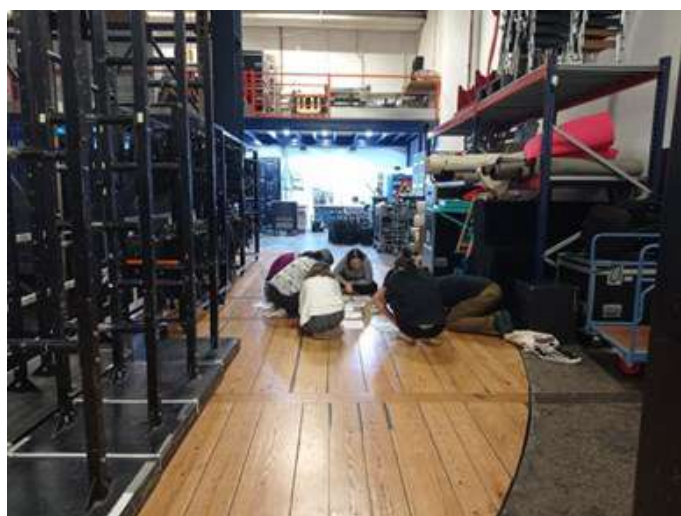
Esta encenação será na sequência de termos mais uma vez tomado a iniciativa de participar na 15.ª edição do Festival PANOS – Palcos Novos Palavras Novas do Teatro Nacional Dona Maria II. O PANOS é um projeto em que 3 escritores escrevem peças originais, para serem representadas por adolescentes, num cruzamento entre o teatro escolar e juvenil e as novas dramaturgias. Este ano, os textos originais são de André Tecedor, Djaimilia Pereira de Almeida e Ondjaki, mas o nosso grupo escolheu o texto deste último autor.

Para realizar o trabalho exploratório de dramaturgia, no dia 19 e 20 de novembro, no Teatro Nacional Dona Maria II, decorreu um *workshop* com a presença do autor e a orientação da artista Joana Manuel. Nestes dias intensos e empolgantes estiveram presentes a Professora Conceição Pedro e a aluna Eva Cunha, uma das alunas do grupo de teatro. A Professora Paula Lima, no 1º dia, também ajudou.

Neste momento, cada aluno já tem o seu papel e durante as férias irá dar vida e interpretação a cada personagem e, até dia 30 de março vai ser uma maratona contra o tempo para darmos significado a um texto que não é fácil, porque, às vezes, não é fácil falar de Amor, Solidão e Guerra.

Como é que se dá forma a um sentimento? Como é que sentimos o mar quando não estamos ao pé dele? Como é que definimos o amor? Como explicamos o sabor de uma tangerina? Será uma viagem a tudo isto e muito mais, através de um tex-

to cheio de mensagens bonitas e que convidam à reflexão sobre a vida, sobre a relação que estabelecemos uns com os outros e aquilo que queremos/conseguimos ver.



No dia 30 de março, dia da nossa estreia e em que seremos visitados pelo júri do *Panos*, o vosso apoio vai ser fundamental! Até lá, maravilhosos atores e atrizes e querida companheira de encenação, Professora Ana Paula Costa, mãos à criação!

Conceição Pedro

Coordenadora do Grupo de Teatro

Momentos Reais

Outono aos Coruchéus!

Com a chegada do outono, os alunos ficaram inspirados e realizaram diferentes trabalhos alusivos à época.

O 4.B dos Coruchéus deu as boas vindas a esta estação do ano.

Acabou-se o verão

agora chegou o outono

as folhas na minha mão

depois de caírem no chão.

O outono a chegar

são as folhas a cair

as cores a mudar

todos a sorrir.



Dia de S. Martinho

Os alunos do 1.B fizeram origamis – o cavalo de S. Martinho.



Galardão Eco-Escola para os Coruchéus



A Escola Básica dos Coruchéus candidatou-se ao galardão Eco-Escolas pela primeira vez em 2021/2022. Em **sete passos** e depois de muito trabalho conseguiu o seu primeiro Galardão.

Constituiu-se um Conselho com os delegados e subdelegados de todas as turmas e representantes da Junta de Freguesia de Alvalade, da Câmara Municipal de Lisboa, da Direção do nosso Agrupamento, da Associação de Pais e da “Educar a Sorrir” (**Conselho Eco-Escolas**). Fez-se um levantamento das preocupações que tínhamos na nossa escola (**Auditoria Ambiental**). Fez-se uma lista de ações que gostaríamos de desenvolver ao longo do ano (**Plano de Ação**). Ao longo do ano fomos

realizando e avaliando as nossas ações: plantar um jardim, criar uma horta, manter os pátios limpos, campanhas para a redução do consumo energético e da água, recolher a água da chuva (**Integração Curricular, Monitorização e Avaliação**). Fomos partilhando com todos os membros da comunidade o que iam fazendo (**Informar e Envolver**).

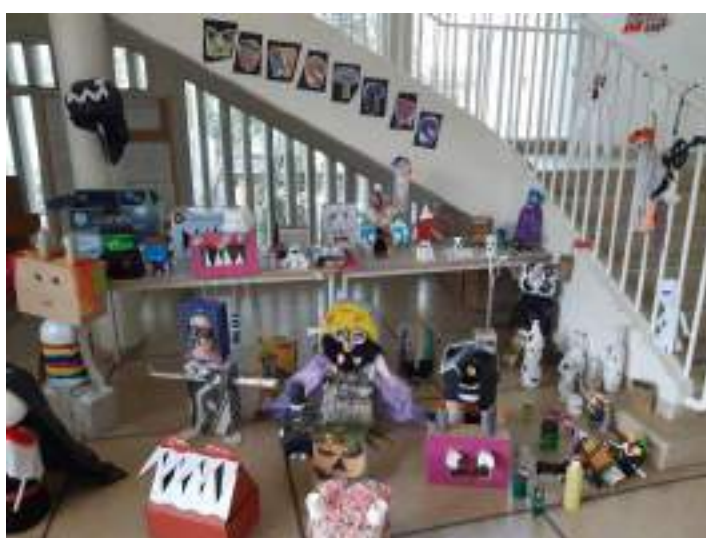
No passado dia 24 celebramos o dia eco-escolas cantando o nosso Hino Eco-Escolas (**Eco-Código**) e içando a Bandeira Eco-Escola 21/22 pela primeira vez.



Fotos foco musical, e São Martinho sala B J.I. de Santo António



Trabalhos de Inglês 3º e 4º ano Coruchéus



Para o Halloween os alunos do 3º e 4º ano participaram no projeto "Desafio monstruoso" em articulação com o 2º Ciclo de Inglês onde os alunos construíram um monstro com materiais reciclados e muita imaginação. Fizeram coisas maravilhosas.

Também os alunos de 3º ano, elaboraram as "Jack-o-Lantern"

Por último, os alunos do 4º ano no apartado de English Culture, fizeram o "Big Ben".



AERDL não faltou ao Banco Alimentar Contra a Fome

Cada vez mais famílias se veem a braços com grandes dificuldades para colocar um prato de comida na mesa. Dados recentemente divulgados pelo INE mostram que cerca de 21,6% da população de Portugal está em risco de pobreza ou exclusão social.

O Banco Alimentar Contra a Fome tem, desde 1991, como missão, lutar contra o desperdício e distribuir apoio alimentar a quem mais precisa, em parceria com instituições de solidariedade e com base no trabalho voluntário.

Este fim de semana, em 21 Bancos Alimentares de Portugal Continental e ilhas, 40 mil voluntários abraçaram esta causa e estiveram presentes nos supermercados para recolher os alimentos que as pessoas, sensibilizadas, aceitavam partilhar com os mais necessitados.

"O sucesso desta campanha só foi possível devido a uma congregação de boas vontades, quer dos voluntários que deram o seu tempo, quer dos milhares de doadores que doaram alimentos, quer ainda de muitas empresas que apoiaram, e assim, em conjunto, todos contribuíram de forma fraterna e solidária para a construção de uma sociedade mais justa e coesa", referiu Isabel Jonet, Presidente da Federação Portuguesa dos Bancos Alimentares contra a Fome.

Foi com grande orgulho que vimos alunos, pais e professores do Agrupamento de Escolas Rainha Dona Leonor abraçar esta causa.

Nos dias 26 e 27 de novembro, no supermercado Lidl de Alvalade, vestiram as camisolas e frontais de voluntários, 50 alunos de turmas entre o 5º e o 9º ano da Escola Eugénio dos Santos (5º A, B, F, G; 6º C, E, G, H; 8º C e 9º B), 12 Encarregados de Educação, 4 professoras - para além da equipa responsável.

Foram recolhidos 760Kg de alimentos no sábado e 980Kg no domingo, fazendo um total de 1.750kg dos 50.9512kg angariados por toda a campanha a nível nacional.

A equipa agradece a todos o envolvimento e empenho nesta campanha que é de todos.

Até 4 de Dezembro, através da aquisição de vales disponíveis nas caixas de supermercado "Ajuda Vale", é possível continuar a contribuir para o Banco Alimentar com alguns dos bens mais necessários como leite, azeite, arroz, atum e salsichas, ou através do site www.alimentestaideia.pt.

Caso pretenda juntar-se a nós na próxima campanha pode enviar um mail para Banco.Alimentar@aerdl.eu.

Mais uma vez, o nosso muito obrigada a todos aqueles que estiveram connosco e que contribuíram para que esta campanha fosse, novamente, um sucesso.

A equipa

Joana França / Marisa Gregório / M^a Cristina Antunes



Voluntariado com a ProAtlântico

Sessão “Voluntariado Europa”



Em ambiente escolar foi-nos apresentado um projeto designado por “Voluntariado Europa”, da associação *ProAtlântico*.

Este é um projeto que permite aos jovens levar a cabo serviço de voluntariado com uma duração de até 12 meses num país da Europa, incluindo aquele em que reside, gratuitamente. Desta forma, além dos convívios sociais, qualquer jovem entre os 17 e 30 anos pode desenvolver a sua solidariedade e autopromover uma cidadania ativa.

Nesta apresentação, o que me marcou mais foram os três testemunhos ouvidos. Com intuito de os relacionar, percebi que a participação neste projeto foi um escape à sua rotina e, acima de tudo, um tempo necessário para a reflexão da sua vida.

No passado dia 25 de novembro, pelas 10h, algumas turmas assistiram no auditório da escola a uma sessão que abordou o tema “Voluntariado Europa”. Nesta sessão participaram 4 raparigas da associação “*ProAtlântico*”, ambas com muita experiência na área do voluntariado.

O voluntariado na Europa pode ser uma ótima maneira de fazer a diferença na vida das pessoas necessitadas. Há uma enorme variedade de organizações e instituições de caridade que fornecem apoio aos cidadãos carenciados que temos pela Europa fora. O voluntariado pode ser uma forma única e altamente compensadora de fazer a diferença, e também pode oferecer uma oportunidade de aprender mais sobre a cultura e a história local, o que pode ajudar a tornarmo-nos cidadãos mais informados e cultos.

Fazer voluntariado pode igualmente ser uma ótima maneira

(...)

No que toca a intercâmbios e voluntariado noutros países da Europa, estes possibilitam também conhecer melhor o dia a dia da cidade, e os diferentes hábitos e costumes. Estavam presentes na sessão duas raparigas, que vieram de Itália e de Espanha para fazer voluntariado cá em Portugal. Contaram-nos um pouco da sua experiência até agora, assim como do que verificaram de diferente para o seu país de origem. No entanto, o que me captou mais a atenção foi uma testemunha portuguesa, que explicou todas as suas viagens e aventuras com esta associação, e deu-nos a entender melhor os seus deveres enquanto voluntária. Espantosamente, estas viagens têm um enorme apoio financeiro, dado que os projetos são financiados pela Comissão Europeia. O transporte para o local

Particularmente, sempre tive interesse em participar em voluntariados. Entre alguns que conheço este torna-se diferente, pois expande-se a nível nacional e internacional. Assim, acho que nos foi apresentado algo muito pertinente e que vou ter em conta quando precisar de conhecer outra versão de mim mesma.

Concluindo, saliento, de forma grata, a oportunidade dada, pela minha escola, de assistir a esta palestra. Deixou-me motivada a participar em atividades como estas, com base no voluntariado, e a ser alguém melhor e ajudar o próximo. Acredito que é com ações como estas, que ajudamos verdadeiramente o mundo a progredir.

Madalena Bordadágua

de adquirir e/ou aprofundar diversas aptidões cada vez mais necessárias no mercado de trabalho global. Por exemplo, se estivermos a trabalhar, voluntariamente, numa cozinha ou a ajudar a construir uma casa, com certeza iremos adquirir essas competências.

Tal como foi abordado na sessão, fazer voluntariado permite-nos explorar uma cultura diferente. Ao mergulharmos nas raízes de um outro povo, para o podermos ajudar da melhor forma, enchemos a nossa “bagagem” de conhecimento e habitualmente regressamos à nossa zona de conforto de coração cheio. Por experiência própria sei que fazer voluntariado é uma experiência muito gratificante e enriquecedora, pelo que vos deixo o desafio...

Afonso Louro

de voluntariado, a pensão de alimentos, as estadias, entre outros, estão a cargo da associação. Há também uma pequena ajuda financeira para passatempos, durante o programa.

No final foi elaborado um questionário interativo com a intenção de apelar aos jovens a participar em programas de voluntariado pela Europa e conhecer mais sobre a cultura de outros países. A meu ver, esta associação oferece várias oportunidades incríveis para uma experiência fora do normal.

Inês Martins

Centenário de José Saramago

Não quisemos deixar passar em branco os 100 anos do nascimento de José Saramago. Começamos por ir assistir à entrega dos prémios em seu nome atribuídos a jovens escritores de língua portuguesa e registamos, a partir daí, impressões, leituras...



É segunda-feira. Estamos no CCB para assistir à entrega do Prémio Literário José Saramago.

Entramos no auditório e as luzes, as cadeiras e o cheiro a imaginação enchem-nos os pulmões e o coração.

Em breve se criou uma atmosfera desconcertante composta pelas maiores figuras da nossa literatura. E mesmo os ícones

literários que já nos deixaram fisicamente, ali habitavam serenamente através das palavras que deixaram e que vivem nos corações de todos e de cada um de nós, numa espécie de paraíso presente, ali recriado no máximo do seu esplendor. Eu próprio julgo ter visto Saramago serpenteando nas palavras recitadas do *Memorial do Convento* e mesmo no romance de Rafael Gallo (vencedor desta edição do prémio Saramago), *Dos Fantasmas*, se vislumbrava a sombra de Saramago, deambulando apaixonadamente nas entrelinhas.

Mas, como tudo, terminou rápido e, num abrir e fechar de olhos, a magia findara.

Resta, agora, a paixão literária para nos contar como foi e o coração para que possamos recriar toda aquela magia das letras, em nós, diariamente, pois nunca estamos sozinhos se tivermos um bom livro a fazer-nos companhia.

Mateus Meneses

“Se depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia,

Não há nada mais simples

Tem só duas datas — a da minha nascença e a da minha morte.

Entre uma e outra cousa todos os dias são meus.”

Alberto Caeiro

“Todos sabemos que cada dia que nasce é o primeiro para uns e será o último para outros e que, para a maioria, é só um dia a mais.”

José Saramago

Lara Lopo

(...)Porque é que ele vos mata? Matou, em terra, o amor mais franco e leal, a luz e a sombra que compõem o dia - Baltasar e Blimunda. Teve a necessidade de escrever um livro inteiro só para matar Ricardo Reis - não podia tê-lo deixado em paz e sossego; e, como se não bastasse, fê-lo numa Lisboa cinzenta e triste, onde a chuva caía sem misericórdia e o sol queimava e secava de forma sufocante. (...)

Laura Garnel

(...) Numa entrevista transmitida pela RTP 1 pelas 14 horas do dia 16 de novembro em direto do Palácio Nacional de Mafra, Carlos Reis, comissário do Centenário de José Saramago, deu o seu testemunho sobre os momentos-chave da vida de Saramago.

Uma das principais obras de Saramago é o “Memorial do Convento” que tem tradução em cerca de 20 línguas diferentes. Carlos Reis explica-nos que esta obra nasceu quando, nos fins de 1980 e início de 1981, Saramago foi ao Convento de Mafra e disse que um dia tinha de escrever um romance em que incluía aquele Convento, e realmente escreveu. Com muito trabalho árduo, este romance foi publicado em 1982, tendo sido escrito em pouco mais de um ano.

Carlos Reis explica-nos que o principal objetivo de ter havido um ano inteiro dedicado à comemoração do Centenário é trazer Saramago, os seus romances e as suas personagens para fora dos seus livros.

Por fim, Carlos Reis partilha com o público uma história curiosa sobre a sua experiência enquanto amigo próximo de Saramago. Algures em 1999, pouco depois de ganhar o Nobel, Saramago almoçou com Carlos e no fim do almoço Saramago deu-lhe um envelope e disse para Carlos levar para a Biblioteca Nacional. Dentro do envelope estava o diploma do Nobel e Carlos ficou perplexo com uma oferta tão informal, mas ao mesmo tempo muito generosa, visto que esse documento tinha um grande valor patrimonial.

Assim, com esta entrevista ficamos a conhecer um pouco melhor a vida e obra deste grande nome da literatura portuguesa e mundial.

Texto inspirado em: https://www.rtp.pt/noticias/cultura/palacio-nacional-de-mafra-na-obra-de-saramago_v1447526

Afonso Louro

A minha primeira abordagem a José Saramago

A respeito de José Saramago, primeiramente, ouvi que por aí andava um escritor desatinado que escrevia sem pontuação. Evidentemente, pouco sabia sobre o mesmo. Foi então, há dois anos atrás, que a minha irmã mais velha deu-me a conhecer duas das grandes obras de Saramago: *Memorial do Convento* e *Ensaio sobre a Cegueira*.

Ao procurar a resposta à pergunta ‘quem foi José Saramago?’, surpreendi-me. Assim, o mesmo foi funcionário público, serralheiro mecânico, desenhador, funcionário de saúde, editor, tradutor, escritor, dramaturgo, poeta e até jornalista chegou a ser. Um verdadeiro Homem dos sete muitos ofícios.

Entretanto, estou a ler *Memorial do Convento*. Agora sim, com uma opinião fundamentada digo que, de facto, a sua escrita é como nunca outra vista. Usa parágrafos longos, com poucas ou nenhuma marca de discurso direto, com escasso recurso à pontuação, usa ainda descrições extensas e pormenorizadas e por isso muito ricas. Acrescento ainda a

mais curiosa característica da sua escrita: interage frequentemente com o leitor, comentando o que vai escrevendo. Confesso que a meu ver, a interpretação da sua escrita é complexa e, pelo mesmo facto, enquanto leio recorro frequentemente ao meu bloco de notas, com breves apontamentos, para me auxiliarem.

Em jeito de conclusão, o eterno José Saramago faz parte da história literária e cultural de Portugal e não só, faz parte de uma cultura literária mundial, tendo merecido o Prémio Nobel da Literatura dado pelo comité sueco em 1998. Na oportunidade de consolidação deste facto, celebra-se o centenário de José Saramago, uma vez que a 16 de novembro de 2022, faria 100 anos.

Esta foi a minha primeira abordagem a José Saramago. E a tua, qual foi?

Madalena Bordadágua

A propósito do centenário de José Saramago lembro um dos seus livros mais conhecidos: *O Ensaio sobre a Cegueira*. Neste livro, Saramago retrata os caminhos da sociedade contemporânea, e questiona-se sobre a sociedade capitalista e sobre o papel da existência humana condenada à morte.

Logo na epígrafe encontra-se a provocação inicial de Saramago: “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.”. Esta frase faz-nos pensar e questionar sobre a maneira como vemos o mundo e se realmente vemos aquilo que ele nos dá. Vivemos num mundo repleto de intolerância e desigualdade, discriminamos as pessoas pela classe social, raça, orientação sexual e pelo género. A nossa sociedade parece que olha e não vê, vive e esquece o que leva à repetição de vários erros cometidos no passado. Apoiam-se discursos de ódio e posições extremistas pensando que aí estará uma solução para os problemas do mundo atual. Sendo esta uma era tecnológica, era de esperar que estivéssemos mais informados e esclarecidos sobre os problemas no entanto parece que cegamos para o óbvio. Esta frase como toda a obra de Saramago é intemporal uma vez que ainda hoje existem desigualdades antigas e as mesmas.

[...]

Não se esqueçam: disponibilizem um pouco do vosso tempo para lerem esta obra de Saramago que como é intemporal fará sempre sentido para nós e, como diz o escritor: “Felizmente existem os livros. Podemos esquecê-los numa prateleira ou num baú, deixá-los entregues ao pó e às traças, abandoná-los na escuridão das caves, podemos não lhes pôr

os olhos em cima nem tocar-lhes durante anos e anos, mas eles não se importam, esperam tranquilamente, fechados sobre si mesmos para que nada do que têm dentro se perca, o momento que sempre chega, aquele dia em que nos perguntamos, Onde estará aquele livro que ensina a cozer os Barros, e o livro, finalmente convocado, aparece...”

Leonor Barreiros



Projeto Troca pelo Futuro

Reutilizar está na

MODA



São precisos pelo menos 2700 litros de água para fazer um casaco

900

PROJETO TROCA PELO FUTURO

Pequenas ações que podem mudar o mundo

Informamos que, no âmbito do projeto "Troca pelo Futuro" desenvolvido na disciplina de Cidadania e Desenvolvimento, pelos alunos do 9º ano, irá ser recolhida roupa usada em todas as turmas do 3º ciclo. A roupa deverá estar em bom estado, lavada e passada a ferro. Entrega a tua peça de roupa na aula de Cidadania ao respetivo professor. Vamos fazer uma recolha no primeiro e segundo períodos. No último dia de cada período, a roupa será disponibilizada a todos os alunos interessados (2º e 3º ciclos).



SAIBAS QUE PARA PRODUZIR UMA CAMISOLA SÃO PRECISOS 2700 LITROS DE ÁGUA PARA LAVAR O ALGODÃO, 100 LITROS DE ÁGUA PARA PASSAR O FERRO E 100 LITROS DE ÁGUA PARA LAVAR O CASACO.

PARA TI, UMA CAMISOLA CUSTA 5€!!!

PARA O AMBIENTE, CUSTA...

- 1720 l de água
- 26kg de CO2
- algodão
- petróleo



se queres ajudar, a partir de dia 21 podes entregar a tua roupa usada aos 9º anos nas tuas aulas de formação cívica ou cidadania!

se já não usas, TROCA PELO FUTURO

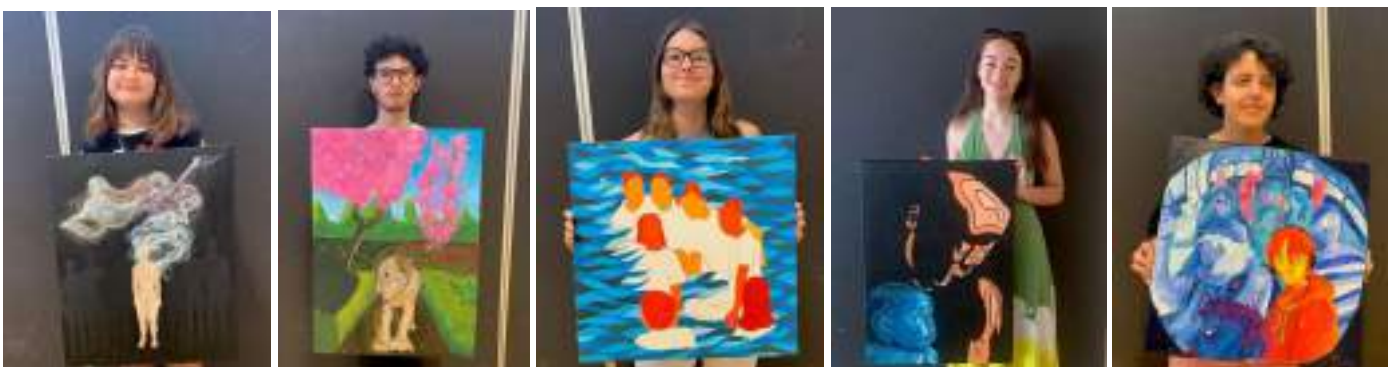
Troca pelo futuro



Vamos reutilizar para o planeta salvar!

Por cada par de calças de ganga que compra, são usados 7000 litros de água.

No fim do ano letivo de 2021/22, aos alunos de Artes Visuais do 11.º ano da professora Paula Lima foi pedido que sintetizassem o seu sentimento de pertença numa tela. Estas são as obras finais.



Momentos Reais

Jardim de Infância de Santo António

Sala B

SEMANA DA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL

A Família e os Educadores em geral desempenham um papel fundamental na aprendizagem do “saber comer” para as crianças. Estas aprendem os hábitos alimentares através da observação dos adultos, ou seja, por imitação e também vivenciando a preparação e confeção dos alimentos.



ESPETADA DE FRUTAS DELICIOSAS!



DESENVOLVEMOS O SENTIDO DO TATO E DO PALADAR, ADVINHAMOS O FRUTO QUE PUSEMOS NA BOCA...



FINALIZÁMOS COM UMA DELICIOSA TARTE DE MAÇÃ, FEITA EM CASA POR UMA MENINA E O SEU PAI

HALLOWEEN

NO dia 31 de outubro celebrou-se mais um dia de Halloween, na Escola Eugénio dos Santos.

Este ano, o mote foi “Halloween Monsters” para o 5º ano e “Halloween Brooms” para o 6º ano.

Os alunos puderam, a exemplo de anos anteriores, criar trabalhos alusivos a este dia, dando azo à criatividade e imaginação.

O subdepartamento de Inglês gostaria de deixar uma palavra de agradecimento à professora Lúcia Barbosa pelo seu contributo na organização da exposição.



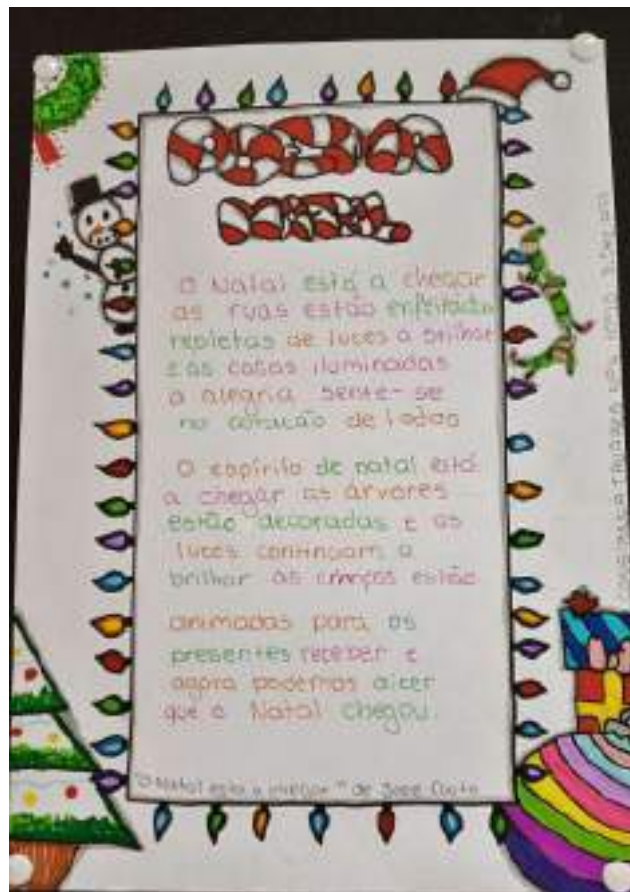
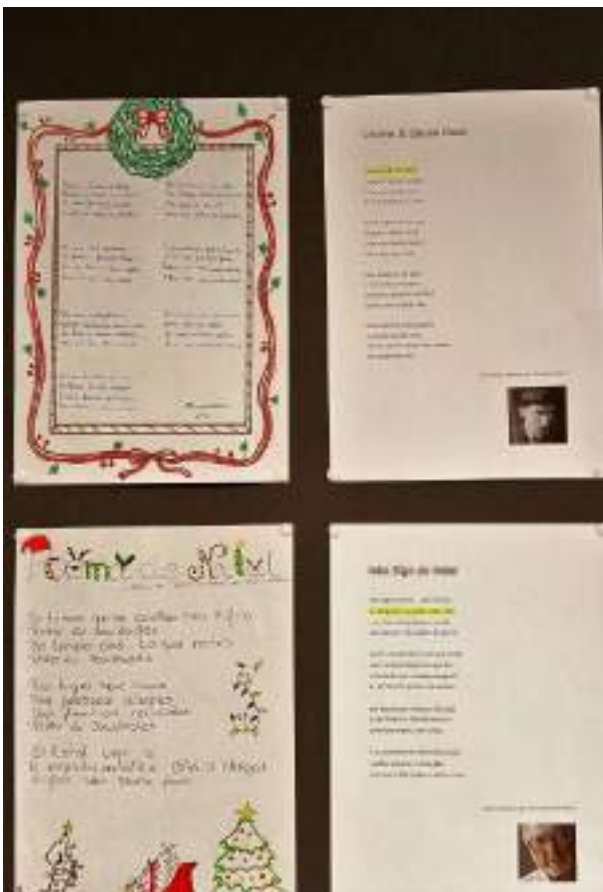
Na Oficina de Escrita, escrever protagoniza o crescimento intelectual e vocabular de quem escreve.

Sentem-se as palavras suspensas no ar, ligamos as palavras à vivência, exploramos áreas mentais antes inexploradas. E a escrita deixa-se escrever, mais livre e ampla, impulsionada pela vontade de escrever melhor. Surge uma perceção diferente do Português em que escrever é sentir; é como rezar numa igreja.

A Oficina de Escrita oferece o ambiente propício para imaginar, pensar e refletir escrevendo.

Há que saber aproveitar as boas oportunidades.

Miguel Bom



Mudanças e Andanças

Às vezes, quando estou no carro, dá uma música (concerto para 4 trompas de Mozart) que me reacende memórias antigas, nos confins do meu cérebro.

Esta música era a música que eu ouvia para adormecer na minha casa antiga. Era uma casa pequena, nas estreitas ruas da Graça, de onde se conseguiam ver constantemente helicópteros a passar, e a grande ponte vermelha, a ponte 25 de abril. E com esta memória surgem muitas mais, como uma mercearia ao fundo da rua, andar de elétrico para ir para o Coração de Lisboa, os Santos populares e os almoços (e, às vezes, jantares) na *Carvoaria a Jacto*. A vizinha de baixo tinha um galinheiro no quintal e, por isso, acordávamos com o claro e estridente cantar do galo.



Na casa onde habitava, penetrava muita luz solar que envolvia os velhos azulejos da marquise e, quando chegava a noite, as luzes da ponte acendiam-se, marcando assim a hora em que eu teria que ir dormir.

Era uma casa cheia de amor e música, com um piano encostado à parede onde eu, mais tarde, aprenderia a tocar.

Depois, nasceu a minha irmã. Tivemos que deixar aquele lar ensolarado, pois era demasiado pequeno e antigo. Hoje, vivo num apartamento maior, com espaço para todos. Os helicópteros já não passam frequentemente, e o canto do galo foi substituído pelo som dos enormes e colossais aviões, mas o piano, que toco todos os dias, ainda lá permanece. Já não apanho o elétrico, apanho agora o comboio subterrâneo. Mas, às vezes, ainda sinto o calor, os azulejos e o acolhimento da *Graça*.

Laura Damas

O crocodilo e o sapo

O crocodilo tinha acabado de comer um sapo, quando lhe caiu outro em cima.

- Então, ó sapinho, porque é que saltaste para cima de mim? - perguntou o crocodilo.

- Comeste o meu amigo, seu inútil! - disse o sapo irritado.

- Ele estava apetitoso. Eu não tive culpa. Eu estava sem comer há horas!

- Então quer dizer que tu comeste o meu amigo para não morreres! - exclamou o sapo muito arrependido.

- Sim, eu não fiz por mal!

- Ah, está bem! Então, desculpe. Adeus!

- Adeus!

Quando o sapo se foi embora, o crocodilo pensou "É mesmo burro! Consegui enganá-lo facilmente. Provavelmente, este ainda será o meu almoço!" Depois o crocodilo riu-se e foi-se embora para a sua casa.

Matilde Carvalho



O sapo e o crocodilo

Um crocodilo dormia na sua ribeira, até que acordou de tão esfomeado que estava. Nesse mesmo minuto, um sapinho pequeno e bonito apareceu perto de uma linda flor. Mal o crocodilo o viu, pensou: “É hoje que vou comer um sapinho”. Com isto, lá foi ele devorar o pobre animal.

Depois da sua refeição, decidiu descansar um pouco. Mas mal fechou os seus olhos verdes, sentiu qualquer coisa no seu focinho.

- Mas que raio é isto que eu tenho no meu focinho?!

- Sou eu! - disse um sapinho muito feliz e alegre.

- O que fazes no meu focinho, criatura?! - interrogou-se o crocodilo.

- Desculpe, senhor crocodilo, eu só estou à procura do meu irmão. Ele disse que iria estar ali perto daquela linda flor.

O crocodilo calou-se. Ficou com uma grande ansiedade. Não sabia o que fazer...

- Menino sapinho, acho que tenho uma má notícia para si...

- O que se passa, senhor crocodilo? O senhor está bem? É

que está com uma cara...

- É que... é que... O seu irmão já não está entre nós...Ele está aqui...- disse o crocodilo, apontando para a sua barriga.

- O quê?! Porque é que o senhor o comeu?! - perguntou o sapo com lágrimas nos olhos.

- Eu peço desculpa, mas se quiser pode ir lá ter com ele. Ainda há aqui um espacinho...

- Que horror, senhor crocodilo! Eu vou-me já embora! E nunca mais venho!

Carminho Pedrosa Lopes



Compal de coelho

A raposa olhou para as lindas caudas das raposas e suspirou:

- Esperem! - disse com uma lágrima no olho - Eu estava a procurar alimento e consegui ver um coelho. Então, decidi atacá-lo e consegui, mas ele não foi o único a ser atacado - suspirou - Eu também fui... Depois de muito, consegui soltar-me daquela rede enferrujada, mas a minha cauda não, a minha cauda ficou lá...

As outras já estavam a ficar sensibilizadas e a raposa disse em lágrimas:

- É por isso que eu me tenho escondido, porque não queria que me vissem assim. Por isso, se fizerem qualquer coisa para me ajudarem, eu ficaria muito grata...

As raposas foram embora e lá ficou a raposa a lamentar-se.

Na manhã seguinte, a raposa acordou, foi ver-se ao espelho e ela viu uma coisa comprida e pesada na sua cintura e viu que tinha uma cauda. Por momentos, pensou que estava a alucinar, mas quando percebeu que tinha a sua cauda novamente, gritou de alegria.

Quando ia contar às outras raposas, elas estavam na sala de estar a beber Compal de coelho, já à espera da raposa.

- Então, gostas da tua nova cauda? - perguntaram em coro.

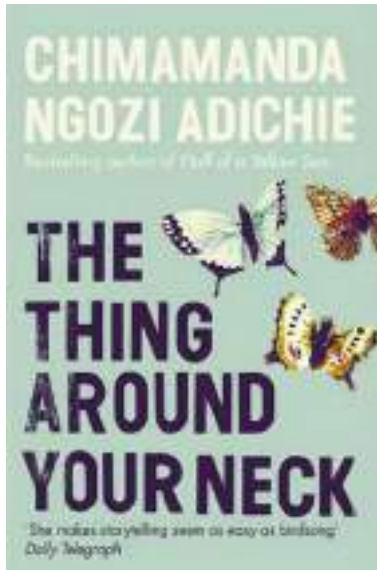
- Sim, mas como isto aconteceu?

- Nós sabíamos que tu adoravas a tua cauda - disse uma das raposas. Então, eu pedi à minha mãe, que é médica, para te fazer um transplante.

A raposa ficou muito feliz, tal como todas as outras e ficaram a celebrar, bebendo Compal de coelho.

Rafael Viegas





Os alunos do 11^º ano, turmas 6,7, 8 e 9 leram o conto *The Thing around your Neck* da escritora Nigeriana Chimamanda Adichie e ouviram o seu discurso *The Danger of a Single Story*. Após a análise do conto e do discurso e subsequente discussão sobre os mesmos em sala de aula foi-lhes proposta uma atividade de escrita criativa: imaginarem a continuação do conto ou criarem um final diferente para as experiências da personagem principal, Akunna, uma jovem Nigeriana que imigra para os Estados Unidos da América. No final do conto Akunna recebe a notícia da morte do pai e decide regressar à Nigéria. Aqui estão as propostas dos nossos alunos.

Quiet Environment, Loud Mind

"You turned away and said nothing, and when he drove you to the airport, you hugged him tight for a long, long moment, and then you let go."

The airports are one of the places where you can see every single kind of person and every kind of situation. You experience the feeling of seeing someone hugging their significant other after a long time away from each other. You see some people's parents waving at their children that aren't children anymore. You see a lot of happiness, sadness and hope, but nothing matters anymore, you just want to go home, you just want to go to where you belong.

You know that the trip will be full of thoughts. The environment is actually quiet, but your mind is so loud that you can't even understand the difference between the voice inside your head and the flight attendant asking if you want to drink something during your trip.

You say just water, please. You hold the cup and drink a sip,

When you came back to Nigeria you hugged your family members and friends tightly and told them about all the things that you didn't write about, all the stories and experiences that you kept to yourself for months. You did write about it to someone though, your father, you wrote a long letter with all the things you could have let him know about your stay in America, your feelings, your thoughts, and what you wished you had told him in his final moments. You wrote all that, put it in a long brown envelope, and left it in his grave.

After spending time with your family, sharing good moments of laughter and stories of what you had missed while living in another continent, you slowly felt the thing around your neck getting looser, and another warm and comfortable thing growing in your chest.

trying to relieve the knot in your throat.

Sleep isn't one of the things that you can do right now. No matter how much you try, you just can't.

Finally, the plane lands. Finally, you're at home, and that knot starts to seem a little smaller, but it's still there.

You grab your bags and leave. There's no one waiting for you, so you walk alone.

You arrive at your home, at your bedroom, at your life.

You hug your mother and know that there's no hug like that one. The knot disappears and you feel tears rolling down your tired face.

You're not ok, but you will be.

Mariana Prudêncio

Now all you've got are these memories with him. They're not very clear in your head since those images had been fading away, but you still left a tear fall. It seemed like the time was moving slower as that tear was falling, but you were feeling nothing. It was an obsolete feeling as you were starting to see things in a different color.

A strange feeling touched your heart like it was the only thing holding it and you felt the need to leave. Leave your room. Leave your house. Leave your city. Leave.

A few days later you were finally home.

Joana Santos

Inês Alves

A partir de “O primeiro beijo”



CERVERA, David Vela (Espanha), 2005. *O primeiro beijo*. In *VII Porto Cartoon*.

Porto: Museu Nacional da Imprensa (p.22)

No cartoon de David Vela Cervera, intitulado “O primeiro beijo”, do ano de 2005 e publicado em *VII Porto Cartoon*, é representada uma relação amorosa entre dois jovens, fruto da realidade tecnológica de hoje. A imagem mostra um casal de namorados a dar as mãos, no entanto cada um focado no seu telemóvel e de costas voltadas um para o outro, isolados num banco de jardim, e rodeados por um cenário sombrio. Ao contrário do resto do cartoon, a figura do casal aparece com cores bastante coloridas e variadas, o que nos faz fixar a atenção para o centro da imagem.

Assim, este cartoon pode ser interpretado como uma referência à falta de afetividade nos relacionamentos de hoje em dia, uma vez que é como se o telemóvel viesse a substituir os lábios do casal, pois o primeiro beijo é dado por telemóvel, via mensagens.

Cada vez mais os telemóveis e a tecnologia preenchem um tempo exagerado do nosso dia e deixamos de estar fisicamente com as pessoas de quem gostamos. Ao analisar este cartoon, consegue perceber-se que se destaca a “vergonha” que os jovens sentem uns pelos outros, preferindo e sentindo-se mais à vontade com os telemóveis. Vemos que já ali estiveram outros casais que, contrariamente ao que observamos no centro da imagem, andavam no meio das árvores com certeza a aproveitar a Natureza, mantendo um contacto físi-

co muito próximo e deixando também um coração gravado numa delas.

O cartoon mostra que, da mesma forma que os telemóveis têm o poder de aproximar duas pessoas, também têm o poder de as manter distantes. “O primeiro beijo” é para estes jovens virtual, sem o afeto e sem a memória que permanece para sempre do inesquecível primeiro beijo. O contacto real é assim inexistente, distante e dissimulado quase como se de uma ilusão se tratasse. A aproximação do casal está lá, visível, mas o telemóvel faz com que exista uma distância e separação entre eles, visto que ambos estão de costas e de faces viradas para cada um dos seus telemóveis- o que traduz muito dos malefícios existentes nos dispositivos eletrónicos e na tecnologia.

Em conclusão, este cartoon ilustra bem como os dispositivos eletrónicos podem substituir os sentimentos e os afetos, e transformar os momentos especiais com pessoas de que gostamos, em momentos em que a tecnologia é colocada em primeiro lugar.

Beatriz Simões

O Impacto da solidão na atualidade

Desde o início da era contemporânea que o ser humano se depara com um paradoxo peculiar: o aumento do sentimento de solidão contrastante com o desenvolvimento e globalização dos meios de comunicação.

É inegável o facto de o Homem ser um ser sociável. A cooperação, os afetos, a companhia, fazem parte da natureza humana.

Como adolescente do século XXI sinto e observo a decadência da socialização, especialmente na infância. Noto que a timidez, a ansiedade, a depressão, os distúrbios alimentares, etc, são problemas que, provavelmente, se devem ao excesso de solidão na vida de um indivíduo. Problemas menos comuns nas gerações anteriores e, na minha opinião, evitáveis.

Cada vez mais, os amigos parecem passar a estranhos, os melhores amigos a conhecidos e a quebra de laços e o abandono mais vontade de isolamento nos dão; o que se torna irónico, em certa medida.

Acredito que as redes sociais, a internet e os telemóveis sejam a principal causa deste ciclo vicioso. De igual modo, o trabalho excessivo e a falta de momentos de lazer, o stress, o cansaço, a falta de acompanhamento, entre outros, podem levar à solidão e, esta, ao desespero e, este, à loucura.

Em suma, a percepção que tenho da sociedade é a de um amplíssimo grupo de pessoas com o mesmo medo inato e o mesmo desejo, incapazes de se unirem ou de tentarem unir-se. A solidão é um receio e um tormento com consequências elevadíssimas num indivíduo e, por sua vez, na comunidade à qual pertence.

Raquel Ribeiro



Vivemos numa sociedade de independentes! Ensinam-nos, desde pequenos, que não devemos precisar de ajuda para nada.

Não precisamos de família porque, a certa altura, já somos “crescidos”, e quem precisa dos pais e dos avós são as crianças. Não precisamos de um “amor para a vida” porque uma pessoa completa e capaz não precisa de suporte, de nenhum tipo, para alcançar os seus objetivos. Não precisamos de ter filhos porque estes até são um empecilho e uma perda de tempo para o cidadão independente. E amigos? Quantos menos tivermos, melhor, menos tempo temos de perder com eles!

Analisando estes casos, é possível concluir que a

“independência” é o caminho mais rápido para a solidão.

Vivemos sós na multidão.

Creio que as relações são fáceis na juventude: vão e vêm. Contudo, à medida que o tempo avança, cada vez mais os círculos se apertam, cada vez há menos pessoas à nossa volta. E, se não procurarmos novas relações, ou não formos mantendo as que existem, lentamente, todos os nossos laços se vão quebrando até ficarmos totalmente sozinhos... Terei de crescer para ter a certeza!

E depois? Depois, temos cidades gigantes com enxames de pessoas que moram em prédios com centenas de metros de altura, mas cada uma no seu quadrado. Ninguém conhece ninguém, mas habitam paredes meias uns com os outros, talvez durmam a dois ou três metros de distância todas as noites. E, tantas vezes acontece, só percebem que já não têm vizinho quando cheira a podre nas escadas do prédio.

É por isso que devemos lutar por laços duradouros com pessoas de quem gostamos... ou, então, podemos viver uma viagem no comboio da independência em direção à solidão.

Miguel Ribeiro

Parte de nós

O tempo corre, foge de nós. Parte e não volta atrás. Nessa correria, por vezes torna-se difícil encontrar uma resposta às questões existenciais que nos assolam desde sempre: Quem somos? O que queremos? Porque o fazemos? Questões como estas implicam um exercício mental profundo, algo que terá de partir de cada um de nós. Por certo, existimos, porque pensamos. A essa nossa capacidade que chamamos de sapiência devemos o sentido da nossa existência. É por ela que ambicionamos, concebemos, viajamos no contorno imaginado da ilusão. Projetamos na realidade um ideal, que muitas vezes fica aquém da verdade. Afinal, somos, por natureza, produtos falhados da nossa própria consciência. A ideia de que é preciso almejar a perfeição para então alcançar o eu particular é tão fascinante quanto é ilusória. Na realidade, perdemos uma batalha sempre que procuramos contrariar a nossa essência. Em bom rigor, deixamos de ser honestos connosco. Como tal, devemos antes encontrar na nossa imperfeição um propósito, projeto, ponto de partida, sentido para a nossa vida. Com efeito, enquanto indivíduos somos um locus de valor intrínseco. Encerramos em nós todas as potencialidades, interesses, falhas, curiosidades e atributos particulares

ao nosso eu (o resultado da sua coalescência). Desta nossa individualidade surge uma única singularidade, um potencial ou meio pelo qual alguém se encontra e se torna quem realmente é. Na sua construção mais íntima e incomparável, significa tornarmo-nos únicos, homogêneos, o ser em nós mesmos. Não obstante, também nos nossos conflitos, situações problemáticas da nossa vida, é importante reconhecer o papel modelador que têm na nossa personalidade. Por certo, também eles são intrínseca e valorativamente parte de nós, já que é a partir dos obstáculos que colocam que sofremos, aprendemos e crescemos enquanto pessoas, à medida que nos aproximamos cada vez mais do nosso eu verdadeiro, o eu particular. Por tudo isto e muito mais, no tempo que temos, importa que sejamos autênticos, na coragem de sermos nós mesmos. Ao longo da vida, aprendemos a produzir muito para fora, mas pouco para dentro. É vital que sejamos proativos na tentativa de compreender a nossa sombra, pois só assim podemos brilhar nela a luz do bom senso. Caso contrário, se a deixarmos permanecer inconsciente, condenamos a nossa vida a ser narrada na escuridão.

João Oliveira

A Arte morreu????

(...) Em uma questão de segundos, qualquer um se pode tornar um artista 'profissional'. Se o conceito lhe parece estranho ou não o compreendeu, aqui está uma explicação mais simples. Resumidamente, existem plataformas na internet comandadas por robôs capazes de gerar qualquer peça de arte visual em uma questão de segundos. Basta inserir uma frase do que pretende e o computador irá fazê-lo de forma praticamente instantânea. É surreal! Para mim, chega a ser quase inacreditável o grau de precisão e de realismo que uma máquina destas consegue produzir a partir de uma simples frase digitada por nós. Convém ainda referir que as imagens criadas são únicas. Mais ninguém no mundo consegue gerar a mesma imagem que nós. Pessoalmente, a minha experiência com este novo mundo da arte começou quando ao navegar na internet descobri uma destas plataformas de criação de imagens artísticas utilizando inteligência artificial. Chama-se DALL-E. Nunca antes tinha ouvido falar de algo parecido e, como tal, desesperou-me imediatamente a curiosidade. A grande questão que aqui se coloca prende-se com o grau de ética envolvido em tudo isto. Será eticamente aceitável permitir a existência de ferramentas como estas, facilmente acessíveis a qualquer um, e deixar os 'verdadeiros' artistas em segundo plano? Será justo deixar para trás quem dedicou a sua vida profissional inteira a dominar incontáveis técnicas de criação e produção artística? Esta é a questão central que pretendo discutir – **O conflito entre a evolução tecnológica e o ser humano.**(...)

(....) no caso da arte existe a meu ver uma diferença crucial. É que ao contrário da grande maioria dos empregos, a arte não serve uma função prática identificável. Ela cria a sua própria função. Não consumimos obras de arte porque precisamos,

mas sim porque há algo em si que nos proporciona uma sensação agradável de prazer. Em teoria, não precisamos de arte para sobreviver, mas ao longo de toda a história da humanidade a arte esteve sempre presente

ao nosso lado. **A arte faz parte de nós.** A inteligência artificial poderá até tornar a arte banal. Mas, por mais que consiga imitar quase na perfeição uma criação original de um artista, nunca será a mesma coisa. Espero eu. Porque se este não for o caso, estamos a retirar algo da experiência humana coletiva, algo de um valor incomensurável – a partilha. A arte é partilha. Partilha de sentimentos, de sensações, de formas, de cores, de sons, etc. A partilha do nosso 'eu' coletivo, parte do que nos torna Humanos. Um computador nunca será capaz de fazer isso. Os mais complexos algoritmos até poderão ser capazes de reproduzir a 'ideia' de arte, mas nunca serão capazes de reproduzir a sua 'essência'. É por isto que acredito que os verdadeiros artistas nunca irão morrer. Aqueles que realmente compreendem a essência da arte e conseguem numa obra expressar a partilha da condição humana são simplesmente únicos e insubstituíveis.

O mundo evoluiu, as pessoas adaptam-se. A arte é eterna.

Afonso Costa

O trabalho dos cientistas

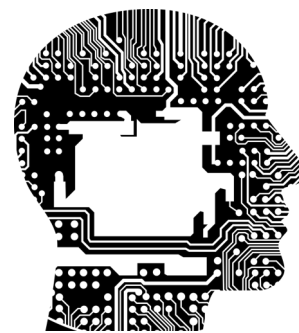
O impacto da ciência na vida do ser humano manifesta-se de modo cada vez mais pertinente e embora as tecnologias modernas possam apresentar um considerável conjunto de desvantagens, estas não são, na minha opinião, comparáveis à tremenda transformação e desenvolvimento positivos que o trabalho dos cientistas tem vindo a provocar.

Ainda que não limitado a estes dois aspetos, considero que a saúde e a comunicação são as áreas de estudo científico que mais contribuiram para o melhoramento da vida do ser humano. Com o empenho e descobertas de cientistas de todo o mundo, foi possível a criação de novos e mais eficazes medicamentos, assim como novas tecnologias e técnicas mais precisas que permitem efetuar tratamentos que há uns anos se consideravam praticamente impossíveis. O cancro, por exemplo, costumava ser uma sentença de morte certa e, nos dias de hoje, já não é causa de tantas mortes (apesar de continuar a ser uma doença ativamente investigada). Em geral, uma das maiores provas que temos das vantagens da ciência na saúde é o aumento da esperança média de vida.

A comunicação global sofreu, também, um excelente desenvolvimento conseguido pelos cientistas, na medida em que temos mais consciência do que se passa à nossa volta devido à facilidade da divulgação de notícias, ideias inovadoras, ou até mesmo perigos a ter em consideração, a um público-alvo mais numeroso. Por exemplo, se não fosse a globalização da comunicação, não saberíamos do COVID-19 assim que apareceu, o que nos impediria de tomar medidas de prevenção. Sem os avanços médicos e constante investigação científica, não teríamos uma vacina contra este novo vírus e as repercussões e taxa de mortalidade seriam bastante mais elevadas.

Em síntese, acho que o trabalho, descobertas, e esforços dos cientistas devem ser valorizados na sociedade, pois permitem uma melhor qualidade de vida.

Lara Lopo



(...) Se não fossem os cientistas a estudar o interior da terra, não teríamos conhecimentos sobre a sua constituição nem as suas propriedades e, com isto, seria impossível ter os conhecimentos necessários sobre os desastres naturais (tsunami, sismos, tornados). Com estas técnicas é possível determinar a atividade do interior da terra e assim conseguimos salvar vidas. Como o que aconteceu há muito pouco tempo

quando houve um tornado na América do Norte e os cientistas conseguiram identificá-lo uns dias antes e, deste modo, as populações que viviam em zonas de risco tiveram tempo para ser evacuadas e ainda levar os seus bens mais preciosos. (...)

Francisca Tavares

Ao longo da História, o trabalho dos cientistas e as descobertas feitas pelos mesmos constituíram um papel fundamental na evolução do ser humano. Logo no início dos tempos, o Homem deslocava-se a pé, até que houve um povo que inventou a roda que permitiu a deslocação a longas distâncias muito mais rápida. Mais tarde, inventou-se o astrolábio e a bússola que viriam a ser instrumentos indispensáveis na época dos descobrimentos. Mesmo até há relativamente pouco tempo, as casas eram iluminadas com velas, até que se deu a invenção da lâmpada, um método de iluminação muito mais barato e eficaz. O trabalho dos investigadores serviu também para revolucionar a forma como vemos o mundo e o universo. Por exemplo, muito antes de ser definido que a Terra gira em volta do Sol e que o Sistema Solar fica algures na Via Láctea, acreditava-se que a Terra era o centro do Universo e que o Sol se movia em volta da mesma. Alguns séculos mais tarde é que surgiu a teoria do Heliocentrismo que dita que o Sol é o centro do Universo e tudo o resto se move em volta do mesmo. Há dois séculos atrás, constatou-se que o Sol e a Terra

fazem parte do Sistema Solar, um dos muitos sistemas planetários da Via Láctea, que é uma das muitas galáxias existentes em todo o Universo. Em suma, sem o trabalho realizado pelos cientistas e investigadores e sem as suas respetivas descobertas, a sociedade ficaria estagnada para sempre ao nível do Homem Pré-Histórico.

Joaquim Alves



O presépio da Escola Básica dos Coruchéus

Sabem que a Escola Básica dos Coruchéus já é uma Eco-Escola?

O nosso presépio foi elaborado com materiais reutilizáveis.



O Pai Natal já chegou à sala do 1.A da EB Coruchéus

HO HO



A colorful Christmas concert poster for "CONCERTO DE NATAL 2022, 4.º E." featuring "Grupo Coral R.D.Leonor" on "14 de dezembro, 18 h" at the "AUDITÓRIO da Escola R.D.Leonor". The poster includes various Christmas-themed illustrations and text.

Na Escola Eugénio dos Santos, o tema de Natal nas turmas do 5.º ano de Educação Visual e de Educação Tecnológica é o “Calendário de Advento”.

Os alunos realizam os projetos de estudo do número para colocar na árvore de natal ainda em construção. E também elaboram vários projetos para o calendário a realizar a duas dimensões.

